

Estigmas e desqualificação social dos negros em São Paulo e Lisboa

Marco Aurélio Paz Tella*

Resumo

Portugal e Brasil são países que se assemelham pela presença secular de africanos e seus descendentes em suas sociedades. Mesmo após o fim do sistema escravocrata, os dois países desenvolveram estratégias de controle social e de manutenção das relações de poder político e econômico, que tiveram como característica o desequilíbrio, ao preterir os africanos, negros portugueses e brasileiros. Estas questões ficaram evidentes com o início da imigração cabo-verdiana com destino a Portugal, e com a população negra na cidade de São Paulo, que, desde o final do século XIX, atingidos por políticas governamentais, que objetivavam a segregação espacial de grande parte dos membros desse grupo. A segregação espacial dos negros em São Paulo e dos imigrantes cabo-verdianos e negros portugueses, associada à construção de imagens estereotipadas e de processos de estigmatização, refletiu na desqualificação social destes grupos em suas respectivas cidades. A partir desse cenário, abordo as relações raciais em Portugal e no Brasil, a partir da percepção de jovens negros moradores da Cohab Cidade Tiradentes e do bairro 6 de Maio.

Abstract

Portugal and Brazil are countries that resemble each other for the secular presence of Africans and their descendants in their societies. Even after the end of the slavocrat system, the two countries developed strategies of social control and maintenance of the relationships of political and economical power, that had as characteristic the unbalance, when ignoring the Africans, the afro-Portuguese and the Afro-Brazilian ones. These subjects were evident with the beginning of the cape-verdian immigration bound for Portugal, and with Afro-Brazilians in the city of São Paulo that, from the end of the 19th century, were reached by government politics that aimed at segregating the great part of the members of that group. The spacial segregation of the Afro-Brazilian ones in São Paulo, and of the cape-verdians immigrants and Afro-Portuguese, associated with the construction of stereotyped images and with the stigmatization processes, reflected in the social disqualification of these groups in their respective cities. This scenery is the base of this study, considering the racial relationships in Portugal and Brazil, starting from the perception of Afro-Brazilian youths who live at Cohab - Cidade Tiradentes and of the Afro-Portuguese youths of the neighborhood called 6 de Maio.

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Pesquisador do Núcleo de Estudos do Cotidiano e Cultura Urbana, PUC-SP. Publicou "Reação ao estigma: O rap em São Paulo" (2006) e "O Rap e o (re)conhecimento" (2005). E-mail: marcopaz@terra.com.br

Introdução

Este texto é parte da pesquisa desenvolvida na tese de doutoramento no Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciências Sociais, PUC-SP, orientada pela professora Dra Márcia Regina da Costa. O objetivo do texto é apresentar alguns aspectos dos processos de estigmatização e desqualificação social em Portugal e no Brasil, a partir da percepção de jovens negros¹ moradores do bairro da Cidade Tiradentes, na zona Leste da cidade de São Paulo, e jovens negros portugueses, filhos de cabo-verdianos, moradores do bairro 6 de Maio, na cidade de Amadora, área metropolitana de Lisboa. Parte-se do pressuposto de que a cor da pele dos negros em ambos os países é determinante na percepção do racismo.

Para a pesquisa de doutoramento foram entrevistados oito jovens, homens e mulheres, negros moradores do bairro Cidade Tiradentes e oito jovens, de ambos os sexos, negros moradores do bairro 6 de Maio. Esses dois bairros foram selecionados para esta pesquisa porque apresentam alta concentração de população negra de baixa renda.

Os relatos dos jovens demonstram que suas memórias sobre os casos ocorridos são recentes, o que aponta para que as respostas, em princípio, objetivas, são percepções sobre o racismo intermediado pela subjetividade dos jovens negros em suas sociedades. Dessa forma, o cotidiano e a história de vida dos jovens são as principais fontes de investigação, importantes para a percepção, representações e leituras sobre o racismo. As experiências cotidianas nos permitem acessos fáceis aos estigmas sobre determinados grupos ou territórios por meio de expressões, comentários, piadas e pelos *media*.

Os bairros onde moram os dois grupos de jovens entrevistados são resultados de políticas públicas de segregação espacial, imposta pelos setores dominantes de ambas as sociedades, com o objetivo de: (1) distanciar, além dos setores mais pobres, grande parte da população

¹ Em relação aos termos de denominação, quando uso o termo negro, me refiro às pessoas de pele escura.

negra, com a intenção de evitar contato social. Os grupos confinados nos locais mais distantes e com pouca infra-estrutura têm minimizado o acesso a lugares e equipamentos sociais, culturais, esportivos, etc. que a cidade disponibiliza, o que aconteceu sem o apoio de uma legislação urbanística segregacionista; (2) o controle econômico e político no interior do sistema social. A apartação espacial acarreta a desqualificação social dos grupos mais desprotegidos, limitando a circulação pela cidade, a sociabilidade com outras camadas sociais, reduzindo o acesso aos seus direitos de município.

Ainda que tenha havido nos últimos anos índices estatísticos que apresentam uma pequena melhoria nas condições sociais da população negra em Portugal e no Brasil, esses grupos ainda têm os mais baixos índices de escolaridade, habitam as regiões mais periféricas e degradadas das grandes e médias cidades, ocupam os postos de trabalho com pouca ou sem qualificação e, conseqüentemente, com menos remuneração. Um exemplo disso é a grande presença no mercado de trabalho em ambos os países, se comparada com os brancos, de mulheres negras na função de empregada doméstica e de homens negros na construção civil².

A tendência dos grupos com mais poder político e econômico é discriminar, estigmatizar e desqualificar socialmente os grupos que não fazem parte do seu meio social. Nas sociedades brasileira e portuguesa, os negros sempre fizeram parte dos grupos desprovidos de poder político e econômico e seus valores, comportamentos, religião e forma de se relacionar socialmente foram historicamente classificados não só como diferentes, mas como inferiores, refletindo em obstáculos à inserção social. Entretanto, não estão excluídos, pois de alguma forma participam e contribuem para o sistema social produtivo em seus países. A maneira de como esses grupos foram inseridos se tornou um

² Os dados referentes ao Estado de São Paulo foram retirados da última pesquisa SEADE de abril de 2006, estas informações se basearam também em Telles (2003) e Silva (2004). Os dados referentes a Portugal foram baseados em Saint-Maurice (1997) e Vala (1999a; 1999b).

problema, pois foram e ainda são integrados de forma desvalorizada e socialmente desqualificada.

Assim, não entendo este processo como exclusão, compreendido “por alguns, como uma realidade estática (...) vivendo à parte da sociedade” (PAUGAM, 2004: 19). Há de fato, um processo de desqualificação social. Adoto as cinco dimensões do conceito de desqualificação social construído por Paugam: o grupo privilegiado atribui identidade negativa e estigmas; há interdependência entre os grupos dentro do sistema social; há períodos em que a condição da pessoa e do grupo muda, com as trajetórias de vidas; as pessoas ou grupos podem reagir porque fazem parte do sistema social; há a associação entre integração da pessoa ou do grupo e estratificação social, na qual o problema de integração social é mais presente entre os segmentos mais desprivilegiados (2004: 20).

A construção da imagem de grupo e da auto-imagem positiva fica comprometida pela associação do negro com estigmas construídos socialmente. Crescer em ambientes desfavoráveis à sua sociabilização pode comprometer o amadurecimento do indivíduo e sua formação como sujeito. Os processos de desqualificação social e estigmatização são decorrentes de fatores históricos, culturais e econômicos que, além da cor da pele escura, que aponta o grupo racial a qual pertence, há o indicativo da condição social, como o lugar onde mora, a forma de se vestir, etc.

Os estigmas são construções sociais, que se originam de atitudes carregadas de pré-conceitos de pessoas que se consideram pertencentes a um grupo superior sobre o outro, que o considera membro de outro grupo. A partir desse cenário, podem desenvolver relações xenófobas e racistas, na qual serão destacados elementos que diferenciam os grupos, reafirmando estereótipos, padronizando conceitos sobre um grupo, alimentando e/ou intensificando comportamentos discriminatórios.

Minha análise considera que o processo de estigmatização provoca nos estigmatizados reações à hierarquização imposta a eles

(GOFFMAN, 1998). Saint-Maurice apresenta duas estratégias, interior e exterior, de se relacionar com as crenças e valores imputados ao seu grupo. A estratégia interior — estritamente individual — se divide em três possibilidades, (i) consciente, não levar em conta as agressões sofridas; (ii) absorção dos estigmas, o que causa paralisia, aceitando a inferioridade imputada; (iii) revolta, transformada em agressividade. A estratégia exterior, no âmbito individual pode levar à ascensão social da pessoa, o que acarretaria no distanciamento do seu grupo racial, para escapar dos estereótipos. No campo coletivo, “podem ir da assimilação à revalorização da sua singularidade”, que tem como probabilidade o desenvolvimento de ações coletivas com o propósito de defender e valorizar o seu grupo (1997: 30).

No Brasil e em Portugal há uma associação dos negros a um modo ou estilo de vida distante dos padrões normativos da sociedade brasileira e portuguesa (VALA, 1999; SERTÓRIO 2001; PIRES, 2003; MACHADO, 2001; PIMENTA, 1998; TELLA, 2000; SILVA, 2004). Essa associação, de modo geral, passa pelas formas de sociabilidade que se caracteriza pelo coletivismo, por práticas religiosas diferenciadas, pela qualidade e competência do seu trabalho, por determinados estilos de músicas produzidos e consumidos e hábitos alimentares distintos. Em outras palavras, o modo de vida considerado característico destas populações sempre foi desqualificado e tratado de forma pejorativa.

Lisboa

Em decorrência da desaceleração do crescimento econômico, nas décadas de 1970/80, a intensificação da internacionalização da economia e o processo de construção da comunidade europeia contribuíram, segundo Wiewiorka (2002), para o enfraquecimento da idéia de “nação aberta” e o fortalecimento do nacionalismo. A exaltação de símbolos, glórias, tradições, valores, comportamentos, da nação torna-se uma necessidade para alguns grupos dominantes que se vêem ameaçados pela presença do Outro, personificado no imigrante ou no estrangeiro. Tais grupos dominantes receiam pôr em risco o status

econômico e social alcançado, demonstrando insatisfação, sentindo-se atemorizados no aspecto econômico e na sua identidade nacional, e por isso:

rejeitam os imigrantes, não já em nome da raça destes, da sua inferioridade biológica, mas por serem inassimiláveis, o que quer dizer que esses cidadãos deixaram de crer na sua própria capacidade de assimilação e se definem por uma história, uma cultura, no fim das contas por uma raça, o que torna de fato inassimiláveis todos os que não têm essa antiga comunidade de destino (TOURAINÉ, 1995: 34).

O Outro que em grande parte não tem qualificação profissional, com baixa escolaridade, que, muitas vezes, fala outra língua e tem a cor da pele e religião diferentes, com comportamentos coletivistas, é percebido como vetores que ameaçam o “desenvolvimento” e “progresso” social alcançados pelos países ricos. Dessa forma, os imigrantes começam a ser racializados, num processo irremediável. Os estigmas produzidos e reproduzidos a partir da tonalidade da cor da pele são evidentes. Os africanos e seus descendentes carregam na pele uma diferença que determina o rótulo que irá caracterizá-lo moral e intelectualmente.

Os imigrantes africanos, antes solução ao Estado e economia portuguesa, agora representam uma ameaça, devidamente apartada para as periferias de Lisboa, onde a sociedade portuguesa cria:

barreiras espaciais e institucionais, como também ideológicas: a África em Portugal torna-se um ‘fantasma’ que assusta e ameaça. Necessário é então afastá-los da cidade para a periferia e para isso coopera o crescimento do mercado imobiliário, que avança, construindo moradias de alto nível e ‘empurrando’ o imigrante cada vez mais para longe (GUSMÃO, 2005: 126).

A baixa escolaridade dos cabo-verdianos é um forte obstáculo à sua inserção na sociedade receptora, principalmente no mercado de trabalho, situação que gera conseqüências nefastas para esse grupo: “vínculos precários, inserção em setores de trabalho recusados pela população autóctone, baixos salários e não usufruto de qualquer benefício da segurança social” (SAINT-MAURICE, 1997: 58).

Na construção civil, setor que emprega mais, as relações de trabalho são débeis e desfavoráveis aos cabo-verdianos e seus filhos.

Entretanto, é o setor no qual depositam suas expectativas na melhoria da condição de suas vidas, como também de suas famílias. A atividade da construção civil se tornou, para setores da sociedade portuguesa, indesejada, desqualificada, estigmatizada, principalmente, etnicizada, sem atrativo algum.

Tais elementos determinam as formas de contato e na inserção dos cabo-verdianos e negros portugueses na sociedade receptora, moldando as relações sociais hierarquizadas entre negros e brancos. Esses últimos, para “colocar” e sempre lembrar aos imigrantes sobre o seu lugar, atribuem classificações como “estranho”, “estrangeiro”, “refugiado”, “ilegal”, “africano”, “ladrão”.

Este cenário alimentou e aprofundou abismos entre os grupos dominantes e dominados, formando uma cena de integração subordinada (PIRES, 2003) ou graus de marginalidade subordinada (SAINT-MAURICE, 1997), confirmando os processos de controle social e desqualificação social. Desse processo resultaram sentimentos de repulsa e rejeição ao negro português, o qual tende a se comportar como estranho dentro da sociedade a que pertence.

A constituição do imigrante cabo-verdiano e seus descendentes portugueses como ameaça surge quando esse é racializado. Em outras palavras, quando o componente social é associado a outro componente, a cor da pele. As diferenças são naturalizadas e hierarquizadas.

São Paulo

As periferias paulistanas não são homogêneas nem abrigam apenas pessoas das camadas mais pobres da sociedade e que concentram a maior parte daqueles com pele escura. Em áreas periféricas da cidade acontece, segundo Vêras (2003), o fenômeno da auto-segregação, onde são encontrados bolsões de riqueza e de segurança, como bairros de alto padrão exclusivo para residências e condomínios fechados de casas e apartamentos com serviços exclusivos aos condôminos. No entanto, o processo de periferização das camadas mais pobres e da população negra foi tão intensa que a expressão

“periferia” se tornou sinônimo de criminalidade, miséria, pobreza, irregularidades, indisciplina pública, como também de locais da cidade pouco assistidos pelo poder público.

De acordo com Vêras, é possível verificar o cenário de desqualificação social a partir da “segregação-distribuição territorial da pobreza” (2003: 111). São nos bairros periféricos que, segundo a socióloga, os desprezíveis investimentos das políticas governamentais nos setores de saneamento básico, energia elétrica, transporte, equipamentos e serviços públicos e habitação historicamente contribuem para os processos de desqualificação social.

Exemplo disso é a cidade de São Paulo, que reforça o paradoxo da segregação que surgiu no final do século XIX: áreas sofisticadas onde se localizam bairros exclusivamente residenciais, ou bairros onde estão empresas de tecnologia avançada e centros comerciais para consumo de uma pequena minoria que se contrastam com imensas áreas com estrutura urbana precária ou nula onde está a grande maioria da população.

A expansão da cidade para as áreas mais remotas e sem nenhuma infra-estrutura³ “foi historicamente associada a um modelo de cidade que destina suas periferias aos pobres” (ROLNIK, 1997: 202). Nos últimos 40 anos, ocorre a autoconstrução de casas em loteamentos clandestinos, formando verdadeiros bairros ilegais, sem nenhum equipamento urbano. Outra forma são as políticas de habitação para a construção e financiamento para famílias de baixa renda, de casas e prédios em conjuntos habitacionais, como a Cohab financiada pelo BNH (Banco Nacional de Habitação).

O Regime Militar (1964-1985) criou o BNH, poucos meses depois do golpe, constituindo o Plano Nacional de Habitação Popular e o Serviço Federal de Habitação e Urbanismo. Segundo pesquisadores, o regime militar tinha duas principais razões com a criação do BNH: atender as grandes levas de pessoas das grandes cidades,

³ Rolnik denomina a expansão da cidade para as periferias de “invasão da zona rural” (1997).

principalmente da região sudeste do país, e atender os interesses do capital imobiliário, financeiro e empresas da construção civil.

A queda da renda per capita do paulistano, em decorrência da crise econômica do país, iniciada na década de 1980, fez com que os setores mais pobres da sociedade se deslocassem para as áreas mais baratas da cidade, em que as opções para muitos foram os conjuntos habitacionais. O acesso aos apartamentos e casas do conjunto habitacional é restrito às famílias com algum rendimento mensal, assegurando o pagamento das prestações ao Estado.

De acordo com Nakano, a política governamental para a habitação, que produziu a Cohab da Cidade Tiradentes “foi um dos motores do desenvolvimento capitalista” (2002: 80), que construiu moradias para trabalhadores, empregados, que a qualquer momento podem ser chamados à ocupar postos no mercado de trabalho. Isto demonstra que as populações que habitam as periferias não estão excluídas e, sim, inseridas de forma desqualificada no sistema social.

De acordo com a análise de Nakano (2002), as quatro Cohabs da zona leste da cidade de São Paulo: Sapopemba, Itaquera, José Bonifácio e Cidade Tiradentes. O autor aponta que Cidade Tiradentes foi a única, entre as quatro, construída onde não havia ainda qualquer evidência de urbanização, mas pequenas propriedades e uma grande extensão de mata Atlântica. Assim, a Cohab da Cidade Tiradentes foi construída:

fora dos territórios urbanizados, em áreas rurais distantes dos empregos, escolas, hospitais, pólos comerciais, espaços públicos, equipamentos culturais, lugares para o encontro, o convívio, as trocas sociais, enfim, de todos os atributos que efetivam uma área urbanizada como cidade (NAKANO, 2002: 96).

Quando a Cohab Cidade Tiradentes foi inaugurada, não havia escolas e postos de saúde. As casas e prédios foram entregues sem redes de esgoto, água, iluminação pública, transporte coletivo regular, ruas asfaltadas e sem calçadas. Era como se as casas e prédios fizessem parte de uma grande área clandestina, sem nenhuma infraestrutura.

Cidade Tiradentes e 6 de Maio: desqualificação social e estigmatização

Comparar dois bairros com realidades distintas, que pertencem a países diferentes, torna a tarefa do pesquisador mais complexa. Os bairros Cidade Tiradentes e 6 de Maio apresentam suas próprias dinâmicas sociais, com elementos que os aproximam e diferenciam. Estão localizados em áreas social e geograficamente periféricas, possuem como vizinhos outros bairros social e geograficamente semelhantes.

Cada bairro é, então, particular e único. O bairro como *lugar* é o que faz caber em seu limite, um modo de ser no mundo, uma vivência imediata – o cotidiano – e um ordenamento simbólico específico que diz dele e dos que aí estão e vivem, portanto, um espaço cultural específico (GUSMÃO, 2005: 125).

Os dois bairros são marcados pela heterogeneidade social e racial, em oposição ao imaginário em que se reproduzem estereótipos de que os moradores são iguais em relação à condição e origem social e racial, e de que são locais degradados onde habitam pessoas e grupos envolvidos com práticas ilegais, com princípio e moral duvidosos e comportamentos agressivos e violentos. Dessa forma, ambos os bairros não devem ser caracterizados como guetos de algum grupo racial, entendido como processo de ocupação de um território apenas e exclusivamente por um grupo racial ou por pessoas da mesma nacionalidade (GUSMÃO, 2005; ROLNIK, 1997).

Esses bairros são muitas vezes classificados como guetos ou áreas de difícil acesso para quem não mora lá, devido à distância e ao temor da violência. Estas representações sociais transmitem a idéia de que são territórios quase estrangeiros, cujos moradores têm seus códigos, regras e cotidiano diferentes do resto da cidade, o que reafirma o processo de desqualificação e estigma social.

Estas características atribuídas aos moradores destes bairros, além de fornecerem elementos para distinguir segmentos sociais e raciais na sociedade passam a ser consideradas inerentes, naturais, portanto, permanentes, hereditárias, próprias daquele grupo. Os

problemas sociais associados ao estigma que estes grupos carregam, contribuem para relações cotidianas permeada de preconceitos e discriminações.

Tais estigmas construídos e atribuídos são elementos que identificam e diferenciam um grupo, daqueles que os imputaram. Nessa perspectiva, os moradores negros dos dois bairros tiveram a eles atribuídas identificações que os desvalorizam e estigmatizam, impostas ao longo da história. Segundo Wieviorka (2002), antes mesmo de o grupo estigmatizado se perceber como um coletivo com identidade e características próprias, setores da sociedade dominante atribuem uma imagem, classificando-as como do outro grupo. Esta atribuição de características é elaborada a partir da associação da desigualdade social e hierarquias raciais, representadas pelo olhar de setores sociais dominantes sobre a população negra. Está posta a racialização das relações raciais.

A inferiorização, a dominação, a exclusão não se aplicam apenas a indivíduos enquanto tais. São ainda mais eficazes e temíveis pelo fato de encerrarem os indivíduos em categorias coletivas mais susceptíveis que outras de serem subordinadas ou inferiorizadas. (WIEVIORKA, 2002: 55).

Apesar das dificuldades e problemas enfrentados pelos moradores dos dois bairros, eles são transformados em espaços que possibilitam a integração entre os moradores, que desenvolvem identidades com o próprio bairro e com os grupos que lá moram, construindo relações de solidariedade, afetividade e defesa de suas características e espaço.

A investigação sobre a formação dos bairros 6 de Maio e Cidade Tiradentes é fundamental para verificar a trajetória de segregação espacial dos grupos mais desfavorecidos, como também o processo de estigmatização desses grupos, imputados pelas elites políticas, culturais, econômicas, acadêmicas, da cidade ou do país, dentro de relações de poder absolutamente desequilibradas.

Estas relações de poder desequilibradas também contribuíram para a atribuição de crenças e valores como parte do processo de estigmatização da população negra.

Então junta tudo, os negros, juntam num bairro degradado e junto o lado violento, que agora todos querem ver. E depois há uma coisa que é muito má, porque eles não dizem as coisas boas que existem aqui no bairro, e nós temos coisas aqui interessantes e eles não vêm cá filmar. É raro, não vou dizer todos, mas são poucos que conhecem esse centro⁴ através da televisão. Há uma coisa má, logo vão responsabilizar o bairro. Há uma coisa má que cabo-verdianos fizeram, dizem logo que são de origem cabo-verdiana, de origem africana. E agora, por exemplo, tem uma atleta que ganhou medalha nos jogos olímpicos e o outro que também ganhou medalha nos jogos olímpicos, que são de origem cabo-verdiana, logo falam que são portugueses. Há muita gente que nem nasceu aqui e faz porcaria eles dizem que é de origem cabo-verdiana, agora quando ganham uma medalha e não sei o que, dizem logo que é português e isto está mal (Moradora do 6 de maio, 20 anos).

A entrevistada está se referindo a uma atleta, descendente de cabo-verdianos, que ganhou medalha olímpica em prova de atletismo na olimpíada de Sidney, Austrália (2000). Sua origem foi omitida pelos meios de comunicação, fato positivo e de orgulho para a nacionalidade portuguesa. A jovem do bairro 6 de Maio não tem dúvida que, se as ocorrências fossem negativas para a sociedade, a ascendência cabo-verdiana seria devidamente destacada, o que mostra a imagem que setores da sociedade lisboeta constroem sobre os portugueses de origem cabo-verdiana que moram em bairros degradados, como o 6 de Maio.

Morar num bairro como este, que tem fama, muitas vezes temos fama e não temos proveitos. Eu lembro que fui pra tropa e um amigo meu que era sargento me disse que o apelido na tropa é sempre o segundo nome. Eu disse eu sou do 6 de Maio, e ele disse '6 de Maio?', e eu falei, 'aquele bairro lá na Amadora'. Ele chegou pra mim perto de outros e disse pra todos que o eu era do 6 de Maio e que todos estão fodidos lá fora. Tipo ele é do 6 de Maio, um bairro que sempre tem caso de polícia. Era sempre 6 de Maio, sempre. E quando eu fui lá na tropa diziam, 'não se metam com o ele (eu) que ele é do 6 de Maio', e o pessoal já tinha aquela imagem do 6 de Maio. (Morador do 6 de Maio, 21 anos).

⁴ Centro Social 6 de Maio, coordenado por irmãs dominicanas, local onde é mantida uma creche e desenvolvidas atividades culturais e sociais.

As experiências relatadas mostram que os jovens convivem cotidianamente com os estigmas negativos do bairro 6 de Maio. Estes estigmas construídos socialmente também afetam os moradores da Cohab Cidade Tiradentes:

A minha professora de geografia fez o seguinte, ela veio dar aula aqui e ela ficou besta. Ela falou assim, 'engraçado eu achava que os alunos aqui iam quebrar tudo, achava que as escolas eram horríveis', mas uma coisa incrível acontece aqui, as pessoas se arrumam bem mais. As pessoas vão bem arrumadas pra escola até hoje (Morador da Cidade Tiradentes, 25 anos).

Os estigmas surgem no contato e comparação entre os grupos, nos quais os membros de um grupo observam semelhanças dentro do seu próprio e aspectos que os diferenciam do outro grupo. As atribuições de crenças e valores são decorrência de um sentimento de ameaça representado pelos grupos dominados e desprovido de recursos de poder. A ameaça pode ter diversas motivações: espaço no mercado de trabalho, comportamentos e valores sociais, violência, tráfico e consumo de drogas. Os setores da sociedade com mais recursos e acesso ao poder visualizam no Outro e local onde habitam um complemento, e que os bairros degradados e periféricos seriam o local certo para aqueles com menos recursos sobreviverem. A possibilidade de dividir e compartilhar espaços e poder na sociedade faz com que os grupos dominantes desenvolvam atitudes e comportamentos de oposição, aversão, hostilidade à presença do grupo mais pobre e elabore obstáculos de acesso ao poder e à ascensão social aos membros do grupo dominado.

A desqualificação social, a estigmatização unilateral, a atribuição de crenças e valores aos grupos com poucos recursos de poder, a segregação espacial e a exploração da sua força de trabalho são ferramentas poderosas para a preservação e afirmação dos seus princípios, superioridade e defesa, como um processo natural ou verdade absoluta.

Uma vez eu tava fazendo compra no atacadista; eu achei estranho porque eu tava na loja fazendo compra e no mesmo dia, acho que quatro pessoas me confundiram como se eu fosse funcionária da loja, e não tivesse lá na mesma posição deles

fazendo compra pra loja, entendeu? Bom, eu pensei o que levaria essas quatro pessoas a me confundir com uma funcionária da loja, sendo que eu estou sem uniforme da loja. E lá todos os funcionários usam uniforme. Então eu senti uma pitada de discriminação. Achei que era por causa da minha cor da pele, e todos que me confundiram com uma funcionária tinham a cor da pele branca (Moradora da Cidade Tiradentes, 21 anos).

No relato da entrevistada, percebe-se que quatro clientes de uma grande revendedora de produtos, a confundiram com funcionários da loja, mesmo estando sem um uniforme que a identificasse como tal. Para ela, a cor da pele escura não a credenciou como uma proprietária de comércio⁵, mas sim como funcionária, demonstrando que a cor da pele é determinante na classificação da condição social das pessoas.

Eu nasci cá e, oficialmente, sou português. Sei que tenho os deveres e os direitos como cidadão português, mas o fato é que no dia-a-dia, as pessoas quando olham pra nós, têm sempre a tendência a perguntar, ‘és português?’ Ou melhor, já dizem, ‘tu és de onde?’ Naquele sentido se perguntar, tu és cabo-verdiano, ou angolano. Eu sinto isso. Agora, para as entrevistas de emprego, quando te chamam por telefone, e quando você chega no emprego, há impacto, quando apareço no emprego: ‘ah, mas eu falei com o senhor Quintino’, aí eu falo, ‘mas eu sou o Quintino’, e a pessoa fica assim a olhar. Este tipo de coisa nós sofremos muito (...) senti isso, senti que as pessoas pensaram que ao telefone eu, se calhar, era uma pessoa e, depois, quando eu apareci na prática não correspondi com o esperado (...) é o tal estigma que os africanos assaltaram não sei o quê, os africanos de origem negra assaltaram não sei onde, depois qualquer negro que vai num lugar, as pessoas têm a tendência facilmente de colocar tudo no mesmo saco (Morador do 6 de maio, 26 anos).

Em Portugal e no Brasil, a cor da pele funciona como um carimbo, uma marca carregada de representações sociais — a maioria delas, negativas. “Assim, estas pessoas serão categorizadas em função da cor, e não tanto com base na categoria de estrangeiro, de português com origem africana, de imigrante, ou a partir de regiões ou países de origem” (VALA; BRITO; LOPES, 1999: 13).

A tez escura se tornou um símbolo natural de sua inferioridade social, moral e intelectual, como também a “defesa da distribuição vigente de oportunidades de poder, bem como uma função exculpatória”

⁵ A família da jovem entrevistada mantém uma loja instalada num cômodo construído na parte da frente da casa, onde comercializa diversos produtos, desde utensílios para a cozinha até pequenos brinquedos.

(ELIAS; SCOTSON, 2000: 36). A cor da pele escura se destaca, automaticamente, no processo de estigmatização, servindo como referência para comportamentos discriminatórios.

As posições sociais, decorrentes das desigualdades sociais e da distribuição desigual de poder, determinam as formas de interação e as imagens estereotipadas, que ambos os grupos constroem. Os rótulos estão enraizados de tal forma que, mesmo que o membro do grupo dominado ascenda socialmente, aproximando-se dos grupos dominantes, o membro do grupo dominado não consegue se desfazer das imagens estigmatizadas imputadas ao seu grupo racial.

Em outro relato, a sobrinha de uma entrevistada foi vítima de discriminação por uma criança branca, relata:

Quando uma criança ofende outra, como aconteceu, minha sobrinha de três anos, brincando com as crianças na rua, a criança branca fala “sua neguinha feia” ou “seu cabelo ruim”, que já aconteceu com a minha sobrinha, e ela acabou chorando... Então, isso quer dizer que vai de geração pra geração. Parece uma cultura que vai passando. Então, pra uma menina de quatro anos falar isso pra minha sobrinha de três, ela aprendeu isso com os pais. Muitas vezes eu sinto, não que as pessoas falem, mas olhares. As pessoas, às vezes, dependendo do lugar onde você está, as pessoas olham com um ar de inferioridade, entendeu? Alguns brancos têm essa visão do negro, principalmente na questão da beleza, também. (Moradora da Cidade Tiradentes, 21 anos).

Os estigmas são as primeiras categorias cognitivas utilizadas pelos grupos dominantes sobre o outro inferiorizado, estabelecendo, assim, critérios para comparações intergrupais. O processo de comparação entre grupos e a decorrente estigmatização social daqueles privilegiados, sobre os negros é chamado por Vala, Brito e Lopes o fenômeno das “correlações ilusórias”, comum em países nos quais a maioria da população se pensa ou é de fato de pele clara.

Os brancos registram na memória mais facilmente comportamentos anti-sociais ou negativos (menos freqüentes) do que comportamentos positivos; registram, igualmente, mais comportamentos de um grupo minoritário (negros) do que um grupo numericamente majoritário (brancos) (VALA; BRITO; LOPES, 1999: 60).

Em decorrência das “correlações ilusórias”, os negros são associados aos comportamentos imorais e atitudes negativas. Segundo Elias e Scotson (2000) e Vala, Brito e Lopes (1999), o processo de estigmatização dos grupos com mais recursos econômicos em relação aos grupos inferiorizados surge como estratégia de manutenção do *status* e das posições que cada grupo ocupa no sistema social.

Os dois bairros apresentados estão inseridos nesse contexto. Os moradores e os próprios bairros são discriminados e vítimas da desigualdade social, porém, inseridos no sistema social, mesmo que de forma desequilibrada, estigmatizada e socialmente desqualificada.

Considerações finais

Os estigmas associados à cor da pele e ao local onde moram tornam evidente que tais construções sociais servem para desqualificar e inferiorizar pessoas e grupos dominados. As referências estigmatizadas produzidas e reproduzidas por setores sociais, historicamente, estabelecem um tipo de relação conflituosa de poderes desequilibrados entre os que moram em locais degradados e periféricos e os grupos dominantes.

As sociedades brasileira e portuguesa se caracterizam pela histórica presença da cultura e dos descendentes de africanos. Não há como contar a história desses países sem deixar de passar pela África ou pela contribuição que deram para a construção de ambas as sociedades. Mas, também não devemos deixar de destacar que as relações de poder entre os negros, apresentados aqui como grupo dominado, e os grupos dominantes destas duas sociedades, sempre aconteceram de forma absolutamente desequilibrada.

O objetivo dos grupos dominantes nunca foi a exclusão destes grupos — os grupos dominantes sempre necessitaram que os dominados fizessem parte do sistema social —, mas o controle social, por meio dos restritos acessos ao poder político e econômico por eles já ocupados. Pretendi, neste texto, demonstrar algumas estratégias utilizadas para manter a população negra desqualificada socialmente.

Impedi-los de circular na cidade e mantê-los longe das melhores escolas, das melhores universidades, postos de emprego e poder são algumas das estratégias para reproduzir e conservar os estigmas, os estereótipos e o histórico processo de desqualificação social dos jovens negros de ambos os países. Assim, são evidentes os obstáculos que impedem o acesso à cidadania. O racismo é a principal barreira.

Bibliografia

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. (2000). *Os estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

GOFFMAN, E. (1998). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 4ª edição.

GUSMÃO, N. M. M. (2005). *Os Filhos da África em Portugal*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica.

NAKANO, A. K. (2002). *4 COHABs da zona leste de São Paulo: território, poder e segregação*. São Paulo: Dissertação de Mestrado, FAU/USP.

PAUGAM, S. (2004). "Que sentido é preciso dar à exclusão". In: VÉRAS, Maura Pardini Bicudo (org). *Hexapolis*. São Paulo: EDUC.

PIMENTA, C. A. M. (1998). "O cotidiano dos grupos de jovens da periferia de São Paulo: visões de mundo e manifestações de ética e violência". In: *Demandas Sociais*. Volume I, nº 2.

PIRES, R. P. (2003). *Migrações e Integração*. Oeiras: Celta Editora.

ROLNIK, R. (1997). *A cidade e a lei*. São Paulo: Studio Nobel, 3ª edição.

SAINT-MAURICE, A. de (1997). *Identidades reconstruídas: Cabo-verdianos em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.

SERTÓRIO, E. (2001). *Livro Negro do Racismo em Portugal*. Lisboa: Edições Dinossauro.

SILVA, M. N. da (2004). *Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo*. São Paulo: Tese de Doutorado, PUC-SP.

TELLA, M. A. P. (2006). *Estigmas e paradoxos: um estudo comparativo das relações raciais em São Paulo e Lisboa*. São Paulo: Tese de Doutorado, PUC-SP.

_____. (2006). "Reação ao Estigma: O rap em São Paulo". In: *Revista Enfoques*. V. 5, nº 1.

TOURAINÉ, A. (1995). "O racismo hoje". In: WIEVIORKA, M. (org). *Racismo e Modernidade*. Venda Nova: Bertrand Editora.

VALA, J.; BRITO, R.; LOPES, D. (1999). *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.

VALA, J. (1999b). *Novos racismos: perspectivas comparativas*. Oeiras: Celta Editora.

VÉRAS, M. P. B. (2003). *DiverCidade: Territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo: EDUC.

WIEVIORKA, M. (2002). *O Racismo: uma introdução*. Lisboa: Fenda Edições.